

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ENFERMEIRA SOBRE A VIVÊNCIA DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM

SAMANTA BRIZOLARA COUTINHO¹; GABRIEL MOURA PEREIRA²; JOSUÉ SOUSA³; TAÍS ALVES FARIAS⁴; MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – samantabrizolaracoutinho@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gabriel_mourap_@hotmail.com

³Secretaria Estadual de Saúde-Sapucaia do Sul – josue_bar.sousa@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – tais_alves15@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – mandagara@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Observa-se que, como parte do ser enfermeiro, estabeleceu-se, ao longo dos anos, uma luta pelo fazer científico desta profissão. Deste modo, no Brasil, o Conselho Federal de Enfermagem propõe, como dever ético do profissional enfermeiro, prestar assistência de Enfermagem livre de danos decorrentes de imperícia, negligência ou imprudência, assim como, somente realizar assistência quando seguro da legalidade da mesma e aptidão do mesmo no saber teórico e prático (COFEN, 2017).

A fim de atender esta necessidade, qualificando a promoção, a proteção e a recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, estabelecidos como proposta da saúde no Brasil, na Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, o Ministério da Educação estabeleceu, por meio da Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001, que o profissional enfermeiro deve receber uma formação “generalista, humanista, crítica e reflexiva” (BRASIL, 2001, p. 1).

Neste cenário, o estágio se faz um momento de aprendizagem essencial para o discente, visto que proporciona experiência ao mesmo, capacitando-o para prestar o cuidado integral à saúde do paciente, como também, ser responsável pelo desenvolvimento pessoal e profissional (LIMA et al., 2014).

Para tanto, o enfermeiro-docente, inserido no trabalho em saúde, deve manter-se atualizado, em normas, POP's e atualizações de políticas, se tornando, assim, um instrutor clínico dos estudantes, como mediador do aprendizado durante a prática do discente, “através de uma boa congruência social e cognitiva que permita o desenvolvimento dos alunos como um ser crítico-reflexivo-criativo e consciente de sua responsabilidade ética, política e profissional” (FERREIRA et al., 2018, p. 3). O supervisor-enfermeiro responsabiliza-se, assim, por mediar a construção do raciocínio crítico-reflexivo na prática clínica e da transformação do sistema de saúde mais humanizado e efetivo (REBELLO, VALENTE, 2018).

Deste modo, este trabalho tem como objetivo relatar desafios e perspectivas de uma enfermeira supervisora de estágio de enfermagem sobre o desempenho de acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), durante o estágio final do curso em Unidade Básica de Atendimento Imediato (UBAI) e, também, em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), na zona sul do Rio Grande do Sul.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, com caráter descritivo e reflexivo, em que se apresenta a vivência de uma enfermeira com acadêmicos do Curso de

Enfermagem ao desenvolverem seu estágio supervisionado. Neste, são retratados desafios estruturais e didáticos, a partir da perspectiva da profissional, como supervisora de estágio de dez egressos do Curso de Enfermagem, entre os anos de 2016 e 2019.

A experiência, muitas vezes, se confunde com o agregar de informações possíveis, a partir de alguma vivência e, neste sentido, experiência remete ao que nos acontece e toca, provocando uma transformação no comportamento, de modo que o critismo da imposição de opiniões e a restrição do tempo para experimentar os momentos oportunizados, restringem a experiência, dentro desta concepção (BONDÍA, 2002). Assim, o compartilhar das seguintes experiências, que foi possível relatar, pode ser entendido como força motriz ao desejo de se ter experiências, por outros profissionais que, inspirados neste relato, permitam-se vivenciar a supervisão de graduandos de enfermagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o ano de 2016, tem sido realizada a supervisão de estágio com os acadêmicos de enfermagem de uma universidade pública da cidade de Pelotas – RS, com o intuito de desenvolver um trabalho educacional de ensinamento profissional e prático, no ambiente que favorece a troca de conhecimento do cotidiano profissional. O interesse se deu a partir do momento que foi realizada uma parceria entre a Secretaria Municipal de Saúde e a Universidade Federal de Pelotas.

Conforme refere a Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001, em seu Artigo 4, o enfermeiro é dotado de conhecimentos pertinentes ao exercício da competência e habilidade de educação permanente, pois “os profissionais devem ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática” (BRASIL, 2001, p. 2). Em conformidade com a Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001, estes profissionais “devem aprender a aprender e ter responsabilidade e compromisso com a educação e o treinamento/estágios das futuras gerações de profissionais”, apresentando circunstâncias para que os futuros profissionais e os profissionais dos serviços se beneficiem mutuamente e, para tanto, deve-se incentivar e produzir a “mobilidade acadêmico/profissional a formação e a cooperação por meio de redes nacionais e internacionais” (BRASIL, 2001, p. 2).

No estágio supervisionado, os acadêmicos possuem a possibilidade de colocarem em prática a teoria aprendida até o momento, compartilhando com os profissionais o dia a dia dos serviços de saúde e tendo a oportunidade de aprender com enfermeiros assistenciais e gerentes dos serviços, que possuem uma bagagem técnica e intelectual própria, que agregam na singularidade do trabalho real. O estágio dos acadêmicos de enfermagem, no serviço, começa a partir do 9º e 10º semestres, conforme previsto na base curricular da enfermagem, e, no início de suas atividades, desempenhadas nas unidades práticas de saúde, mostram-se reações de ansiedade, insegurança, medo, receio nos procedimentos que serão efetuados durante o seu estágio, conforme a orientação do supervisor enfermeiro.

Relacionado à insegurança dos estagiários, quando estes sentem medo diante da relação vivida entre o estagiário e o paciente nas descobertas do processo de cuidar, no início da prática profissional, são aspectos considerados como algo novo, gerando, portanto, muita ansiedade. Assim sendo, as dificuldades e as angústias que o estagiário vivencia na convivência com o paciente, o

supervisor e o ambiente, podem produzir efeitos positivos e negativos, referentes às primeiras experiências práticas do estagiário junto aos pacientes.

A partir destes fatos, o estagiário manifesta a necessidade de apoio das pessoas que lhes são próximas nesta vivência, a fim de que possa superar suas dificuldades. Sensações, como o medo, a ansiedade e a angústia, podem ser minimizadas pela assistência do supervisor que acompanha o estagiário no momento do atendimento, demonstrando a importância da assistência emocional aos alunos de estágios curriculares supervisionado em contato com o paciente. Com o tempo, este comportamento vai sendo amenizado, de modo que o estagiário passa a demonstrar ter mais conhecimento e destreza ao realizar as atividades da unidade.

A vivência de estudantes na realidade dos serviços é essencial para a mudança, que, na sua formação profissional em saúde, se harmoniza com as demandas e as necessidades do Sistema Único de Saúde. Esse encontro de trocas volta-se, também, para a qualificação das práticas oferecidas a comunidade, especialmente nos serviços públicos, o que pode minimizar diferenças na qualidade do cuidado que comprometem seriamente à equidade do sistema.

As unidades de saúde, nas quais têm sido desenvolvidas as atividades com os acadêmicos de enfermagem do 9º e 10º semestres, foram uma Unidade Básica de Pronto Atendimento e um Centro de Atenção Psicossocial, ambas localizadas em áreas periféricas da mesma cidade. Os acadêmicos desenvolvem várias atividades de enfermagem, realizadas dentro das unidades de saúde, conseguindo articular o aprendizado teórico para o campo prático, com ajuda da supervisora de enfermagem, verificando sinais vitais; realizando consultas de enfermagem; realizando sondagens vesical, nasoentérica ou nasogástrica; diluição de medicamentos; e administração de medicamentos, via endovenosa, intramuscular e subcutânea.

E, principalmente, desenvolvem autonomia em seus desempenhos, cada vez que desenvolvem mais destrezas e práticas para resolver problemas e terem soluções para abrandar o sofrimento de pessoas que buscam alívio para amenizar a sua dor e, muitas vezes, orientando aos serviços de referência, que irão amparar a sua patologia. Além disso, é possível trabalhar com os estudantes o aprendizado da escuta terapêutica, avaliação do estado mental e participação de grupos terapêuticos.

Dessa forma, ressalta-se a importância da formação de enfermeiros orientada para o Sistema Único de Saúde (SUS), com a participação de supervisores que atuam diretamente nesse contexto e que favorecem um processo formativo coerente com os princípios do sistema, tais como a integralidade da atenção, o acesso universal e a participação social (BRASIL, 1990; CECCIM; FEUERWERKER, 2004; BRASIL, 2001).

4. CONCLUSÕES

Concluindo, acredito que este trabalho proporcionou conhecimento sobre o assunto relacionado ao desempenho dos acadêmicos de enfermagem dentro do campo de estágio, numa perspectiva de ampliar seus conhecimentos de aprendizado teórico com a prática. O exercício de supervisão de estágio, neste caso, aconteceu da harmonização da disponibilidade para o ensino profissional, não contando como experiência na docência.

Entretanto, proporcionou o vislumbre da continuidade da vida acadêmica dentro da universidade, necessário para o crescimento profissional, que vai ser atribuído no ambiente de trabalho e, também, com os outros profissionais da

saúde, que dispõem dos seus serviços, levando o significado para seus colegas de trabalho como a vivência de permitir ensinamentos para os alunos. O compartilhamento de saberes com os estudantes evidencia a relevância da vivência como espaço de troca e construção coletiva de conhecimento, ao mesmo tempo em que esses estudantes também contribuíram significativamente para a minha formação complementar, inicialmente no mestrado e, atualmente, no doutorado. A importância do pensamento crítico reflexivo está em tornar um profissional consciente de seu papel na sociedade, possibilitando um atendimento humanizado e diferenciado, com repercussões para a melhora da qualidade de atendimento da comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p. 20-28, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES nº 3**, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Brasília, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Brasília: MS, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes. Diário Oficial da União, Brasília, 20 set. 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001.
- CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. **PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p. 41-65, 2004.
- COFEN, Conselho Federal de Enfermagem. **Resolução COFEN nº 564/2017**. Aprova a reformulação do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. 2017.
- FERREIRA, F. D. C. et al. Saberes e competências do enfermeiro para preceptoria em unidade básica de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 1564-1571, 2018.
- FEUERWERKER, L. C. M. Micropolítica e saúde: produção do cuidado, gestão e formação. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.
- LIMA, T. C. et al. Estágio curricular supervisionado: análise da experiência discente. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 1, p. 133-140, 2014.
- REBELLO, R. B. S.; VALENTE, G. S. Competências e saberes do enfermeiro supervisor de estágio de gestão em saúde pública no processo de ensino aprendizagem. **Revista Pró-univerSUS**, v. 9, n. 1, p. 35-37, 2018.